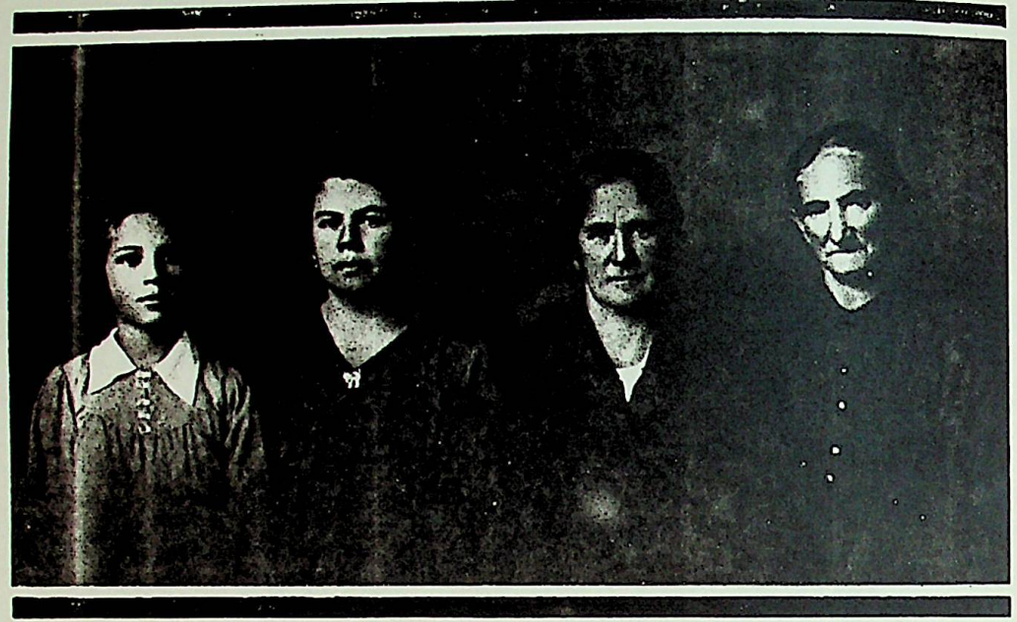
EST. 5/E
CÓD. 11
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

CADERNOS DO MIS
Nº 11 o OUTUBRO/89

o caderno de DONA ISAURA

ISAURA BORGES ABRIFT



CADERNO DO MIS Nº 11

O CADERNO DE DONA ISAURA

TEXTO DE ISAURA BORGES ABRIFT

EDITOR: VALÊNCIO XAVIER

EDITORAÇÃO: CLÁUDIA BRITO

COMPOSIÇÃO: RITA FRANCO

MONTAGEM E CAPA: ALLENS EDILSON DE CAMPOS

REPRODUÇÃO DE FOTOS: CLAUDIMAR BUSATTO (MIS)

RODADO NA CENTRAL DE REPROGRAFIA DA SEEC
RESPONSÁVEL: OSMÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 395 FONE (041) 232 9113
CEP 80 010 - CURITIBA -PR

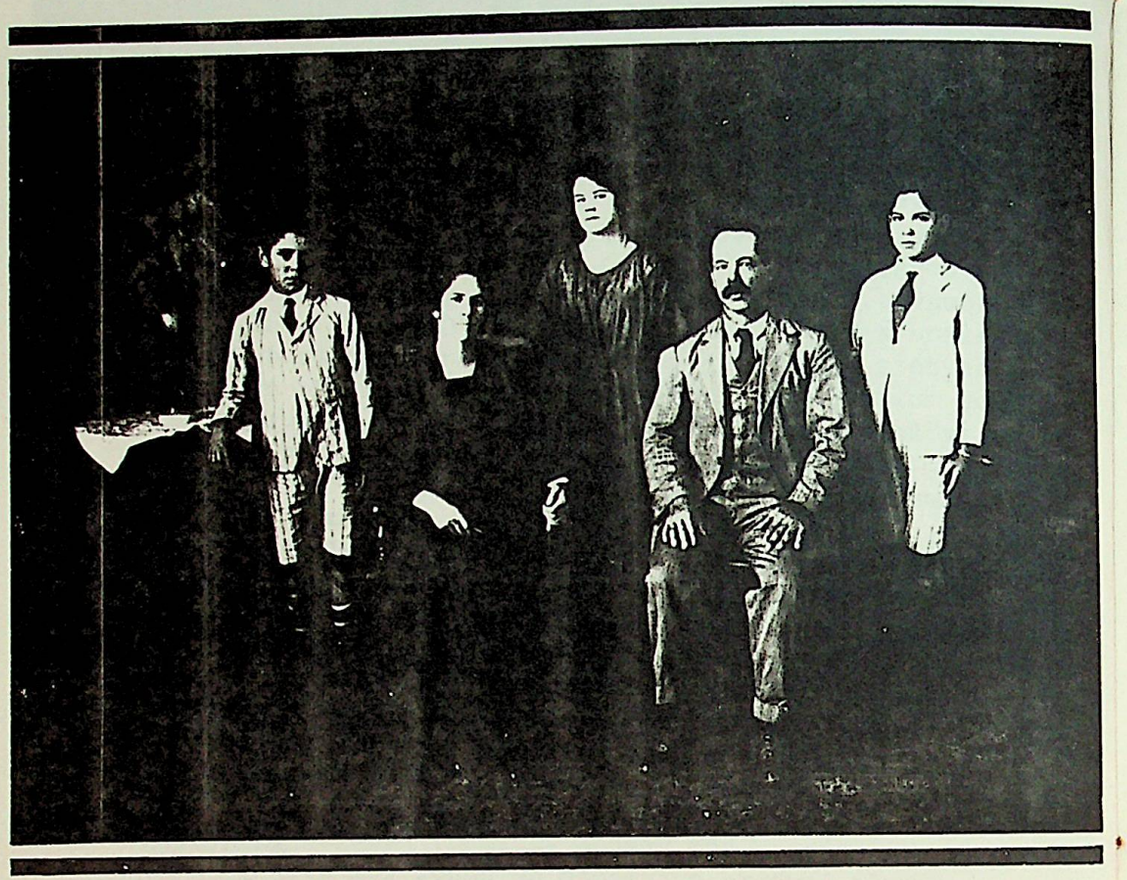
* PEDIMOS PERMUTA

NOSSOS ANTEPASSADOS:

Nos lindos campos na estrada do Porto das Laranjeiras (hoje Porto Amazonas) na Fazenda Santa Clara no longínquo ano de 1840 veio a luz do dia uma linda menina. Deram-lhe o nome de Amelia. Sua infância transcorreu feliz com o carinho dos pais de sua irmã Francisca e o irmão Manuel Bernardo. Era difícil aprender a ler, naquela época, mas ela sabia ler. Brincava com bonecas, tendo uma muito bonita chamada Julia. Ela vestia a boneca como se fosse uma moça, com lindos vestidos e muitas saias de baixo, com bordados e crivos. Até idade avançada, guardava a boneca. Galopava naqueles verdes campos; pois naquela época as meninas aprendiam a montar a cavalo, era uma necessidade, as viagens e passeios eram a cavalo.

Loura e bonita, inspirou um grande amor. Um fazendeiro vizínho, moço e simpático a pediu em casamento. Seu pai não consentiu no casamento alegando ser ela muito nova, talvez desejando melhor partido. Seu pai possuia escravos. Ante a recusa o rapaz ficou muito desgostoso, deixou a familia e foi para o Rio Grande do Sul. Passados dois anos sua mãe, triste com a ausência do filho ficou muito doente e não suportando a saudade, arriscou-se a ir falar com o pai de Amelia. O velho comoveu-se e deu o sim; depressa transmitiram a noticia ao moço que imediatamente voltou e marcaram o enlace.

Viveram juntos e felizes por 58 anos de amor, dedicação e respeito. Não tiveram filhos e ela acompanhava o esposo nas longas viagens para o Sul e para São Paulo e Morretes. Contava ela que a estrada de Morretes era muito perigosa. Em certos trechos um peão puxava o cavalo e ela ia a pé. De um lado a serra do outro o abismo no caminho estreito. Ele negociava com fazendas e artigos adequados em Sorocaba e Morretes, ia vender no Sul e de lá voltava com tropas de muares. Cansado de viajar, estabeleceu-se com negócio em Mato Preto. Já com mais idade adquiriram uma chácara com grande terreno, próxima à cidade. Ali viviam da lavoura e criação de gado, com alguns empregados. Ela tinha uma criada, a Lepurdina. Como usavam torrar café em casa e socar no pilão, a Lepurdina com preguiça de socar enfiava o café torrado em baixo do pilão. Um dia descobriram. Foi na chácara que lembro-me tê-la



conhecído, sendo muito criança. Eles tinham a despensa sortida de doces. Na época das frutas mamãe mudava-se para lá para ajudar. Faziam tachadas de marmelada e pessegada, e guardavam em caixetas de madeira. Depois era o doce de zamboa, de fígo, de laranja azeda, de gila.

Tão saudáveis e gostosos os doces de frutas. Tia Amelia chamada de Melíca na intimidade tinha adoração por mim e fazia-me todas as vontades. Mamãe sempre foi muito severa e eu aproveitava-me de tia Melíca. Quando ia tomar café, escolhia a caneca -Quero na de flor, ela punha o café, -Não quero essa quero a de galo. Ela trocava, -Agora quero a azul. Ela ria, mamãe a respeitava, ela era tia de meu pai. Quando voltávamos para casa, mamãe acabava com minhas vontades. Calculem como! Ela penteava-me, punha fita no cabelo e mandava mostrar ao marido, o tio Xavier para ele ver se eu estava bonita. Ele vivia sentado na rede na varanda sempre lendo. Passava os dedos no cabelo e eu ia chorando contar a ela - Tio Xavier desmanchou meu penteado. As vezes ele não desmanchava e eu ficava desapontada. Ele era instruido lia muito, assinava jornal, mandava buscar livros em São Paulo. Aos 10 anos presenteou-me com um, com as figuras móveis; até hoje guardado. Velhos, venderam a chácara e adquiriram casa na cidade, no local onde está a Casa Cruzeiro, na Praça. Ele faleceu e uma moça do interior que tinha um filhinho e os pais não quizeram mais, veio empregar-se com ela. Ela cuidou da criança com muito carinho, até deu-lhe uma vaca de cria. Como ela pouco saia de casa, os vizinhos reuniam-se em casa dela para conversar.

Meus pais também iam e enquanto os grandes conversavam, nós a criançada brincavamos na praça. Não havia automóveis, as ruas eram escuras, as vezes dava-se de encontro a uma vaca. O gado vivia solto na rua. As nove horas em ponto a empregada servia o chá. Geralmente as visitas não aceitavam. Ela tomava o chá como grande dama, na mesa bem arrumada.

Uma ocasião ela festejou seu aniversário com mesada de doces para as crianças. Assim corria-lhe a vida, até que certo dia seu administrador avisou-a que o dinheiro havia acabado.

Sem consultar os sobrinhos a empregada e a visinha fizeram vir o tabelião e ela convenceu-se a passar a casa e os pertencentes para a empregada com o trato desta cuidar dela até o fim da vida, pois não podia mais paga-la. Pouco tempo depois ela quebrou a perna e não pode mais andar. Começou o seu martírio. A empregada começou a maltratá-la. De manhã levava o café sem açúcar, o pão tia Amélia tinha de comprar, não tirava o vaso sanitário. As amigas e parentes davam-lhe um dinheirinho e um menino filho da empregada do vizinho para ganhar um tostão, tirava o vaso e fazia alguma compra. Uma vizinha mandava todos os dias um copo de leite. Despejavam na caneca de tomar água. Ela tomava o leite e a empregada punha água sem lavar a caneca. Uma boa senhora lavava-lhe a roupa. A sobrinha trabalhava no mato e ia aos sabados dar-lhe banho e trocar a roupa de cama. A empregada maltratava as pessoas que iam cuidar de tia Melica. A gente quase não podia ir lá. Ela não deixava pegar nada da casa.Ela andava doente, eu e mamãe fomos lá à noite e encontramos a porta fechada, não pudemos vê-la. No dia seguinte soubemos que ela havia morrido.

O filho da Candinha já com 20 anos, era bom, educado e estimado na cidade. Trabalhava em uma farmácia namorava uma moça da sociedade e era correspondido.

Os pais da moça opuzeram-se ao namoro, por ser ele filho natural. Naquele tempo em 1927, havia preconceitos. Ele desgostoso, num momento de tentação tomou forte dose de Stricnina. Arrependeu-se e na agonia da morte pedia aos medicos que o salvassem. A dose daria para matar 20 pessoas. A Candinha vendeu a casa e comprou outra menor. Desesperada com a morte do filho por azar teve câncer genital e morreu nos maiores tormentos. Deus a perdoe.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

AVÔ PATERNO

Manuel Bernardo da Silveira irmão de Amélia filho de João B. da Silveira e D. Brígida Borges da Silveira filho único, mimado pelos pais e irmãs Chiquina e Amélia, levava a vida com regalias. Trajava-se muito bem como prova uma fotografia tirada em S. Paulo no ano de 1862. Tinha bom cavalo de montaria e apeios de prata. Bonito rapaz, casou-se com sua prima Belisária, ela com apenas 12 anos. Seus pais eram proprietários da Fazenda Sta. Clara e seu sogro da Fazenda S. Bento. Ainda existem as imagens de S. Bento e Sta. Clara. Porém só guardaram os santos!

As irmãs já estavam casadas. Ele mudou-se com a família para o Sul e de lá, para Corrientes na República Argentina, onde nasceu o primeiro filho: João Bernardo. Arrendou uma fazenda com um amigo e estavam prosperando quando começou a guerra do Paraguai. Os paraguaios invadiram a Argentina e eles tiveram de sair de Corrientes as pessoas, lá deixando grande parte de seus bens. Ele e o amigo tiveram de alistar-se no Batalhão Voluntários da Pátria onde tomou parte em vários combates até o fim da guerra. Sua esposa e a esposa do amigo, corriam de cidade em cidade. Quando acomodavam num lugar vinha a notícia dos paraguaios chegando chegando e tinha que deixar grande parte do que possuíam. Assim chegaram ao Rio Grande do Sul onde os parentes as foram buscar. Termina a guerra ele voltou, preparou-se com grande sortimento de fazendas e armarinhos, carregou muitos cargueiros e com grande comitiva seguiu para vender no Sul. Parte do sortimento, comprou a crédito. Lá, ou porque a sorte não o ajudasse ou talvez encantado por alguma prenda do Sul, não voltou saldar a dívida e seu pai e a esposa tiveram de vender a fazenda. Deixou o filho João com oito anos e no mês que ele viajou, nasceu o filho Joaquim em 1842, sua esposa, uma santa trabalhou muito para criar os filhos. Passados oito anos ele resolveu voltar, porém pobre e doente!

Da grande comitiva que levara, trouxe apenas 4 cargueiros.A esposa recebeu como se nada houvera acontecido, viveram juntos quatro anos, tiveram mais um filho; Tristão e logo a doença foi se agravando e ele morreu.

BELISÁRIA, AVÓ PATERNA

Belisária, filha de Inacio Prudente Vieira e D. Laurinda. Sua cunhada Amélia mais velha que ela, contava fatos de sua infancia. Era muito viva e inteligente. Certa vez foram visitar uma família amiga e apareceu na sala um rapaz com o cabelo amarrado com um lenço, ela perguntou; -Foi este o rapaz que apanhou naquela briga nas corridas? A mãe deu-lhe um beliscão e ela - Ai não me belisque - A mãe deu-lhe outra vez. Foram a casa de parentes e quando quizeram despedir-se a dona da cada insistiu para que ficassem para jantar, dizendo que tinham pego um frango para o jantar. Agradeceram e iam embora, quando ela disse:-O frango era para nós então nos dêem e jantamos ele em casa. Aos 12 anos casou-se com o primo Manuel Bernardo da Silveira. Sua mãe deu-lhe uma escrava boa e fiel para ser sua companheira e amiga. Ela só queria correr pelos campos e brincar com bonecas. O marido saía e quando ia vontando a escrava avisava: - Sinhá, agora comporte-se, o sinhô vem chegando. Não sei se por maldade ou interesse ele vendeu a fiel escrava e ela chorou muito. Foram morar em Corrientes na Argentina e lá ela teve o primeiro filho:João Bernado. Os paraguaios invadiram Corrientes e tiveram de fugir de lá.O marido teve de servir no Batalhão Voluntários da Pátria e ela com uma amiga e alguns camaradas como chamavam os empregados naquela época, foram fugindo de cidade em cidade até chegarem ao Rio Grande onde os parentes as foram buscar, para a Lapa.

Ficaram morando no interior, o esposo voltou da guerra e continuou viajando do Sul até S. Paulo onde vendia a tropa de muares na feira de Sorocaba. Uma ocasião ele arrumou um carregamento de fazendas e outros artigos para vender no Sul e voltar com a tropa de mulas. Só que esqueceu a esposa e o filho Joaquim nascido no mês que ele partiu. Abril de 1872. Não voltou saldar a divida que fizera ela perdeu a fazenda S. Bento. Belisaria, qual Penelope fiel não quiz sair da casa onde ele a deixara. Prestimosa, costurava aprontando as comitivas que iam para longas viagens, fazia ponchos e enxovais de noivas da cidade, roupas brancas com bordados e crivos. Com sacrifícios criou os dois filhos João e Joaquim.

Era moda escrever abc de amor ela fez um e mandou ao marido lastimando-se por ter sido abandonada. Quando o filho Joaquim completou oito anos ele voltou doente e alquebrado. Da luzida comitiva só chegou com quatro cargueiros. Nesse intervalo o filho João ficou meio biruta e abandonou a mãe. Mandaram o filho Joaquim encontrar o pai e pedir-lhe a benção, ele não queria ir, dizendo: - Não conheço esse homem. Estava chovendo no dia da chegada e ele com o poncho molhado pediu licença para estende-lo na cerca. Ela respondeu: - Não precisa pedir licença, a casa é sua. E o recebeu como se ele tivesse saido na véspera, sem nenhuma recriminação. Tiveram mais um filho Tristão e ele sempre doente morreu 4 anos após a sua volta.

Belisária sem recursos foi morar com a cunhada. O marido desta fazia os meninos trabalharem muito Tristão com apenas 6 anos tinha tarefas de capinação não podia largar sem terminar a tarefa. Ela trabalhava como escrava. As vezes os filhos diziam estar com fome, ela dizia: -Se Deus quizer um dia poderei dar comida a voces. Um bem o cunhado fez:pôs os meninos na escola. Quando Joaquim completou 14 anos arranjaram uma casinha e foram morar independentes. Trabalhavam bastante, mas viviam felizes. Na Revolução Federalista em 1894, Joaquim foi convocado e ela teve de abandonar a casa, refugiando-se na cidade. Quando voltaram, acharam a casa vazia, Nova luta! Anos mais tarde Joaquim adquiriu um pequeno sítio, dedicando-se a lavoura e algum gado.

Depois os dois filhos casaram-se, mas ela sempre morou com Joaquim. Adorava sua primeira neta, contam que uma vizinha foi fazer visita e comentou; que a neta dela tinha a boca grande. Ela sempre espirituosa, quando a vizinha estava perto, beijava a neta e dizia:- Como é linda criança de boca grande. Faleceu antes da neta crescer. (A avó Belisária era muito viajada. Naquela época que só viajavam à cavalo ela conheceu a Argentina Rio Grande do Sul e visitou os "Sete Povos", as ruínas de uma cidade deixada pelos Jesuitas. Contava das imagens dos santos em tamanho natural as torres das igrejas, uma com um galo dourado em cima.)

LEANDRO, AVÔ MATERNO:

Filho de Manuel Teodoro da Silveira e da Dona Joaquina, ultimo de 12 irmãos. Seus pais possuiam uma fazenda no Sucesso, próximo a Mariental. Da divisão da fazenda aos 12 irmãos pouco tocou a cada um. Com alguns recursos casou-se com Maria Joaquina Coelho e logo depois do casamento, indo visitar os parentes sua casa foi arrombada e da canastra onde guardavam algum dinheiro e algumas jóias dela, tudo sumiu. Dali em diante enfrentaram muitas dificuldades. Com oito filhos ele trabalhava com madeiras e na lavoura, ou viajava como tropeiro. Depois de casado foi morar no Serrito, alguns anos depois vendeu o sítio e comprou outro na Alto da Lapa na baixada,onde hoje está a piscina, era o monjolo da casa dele. Com idade avançada, os filhos casados vendeu o "Alto" e veio morar na cidade. Na noite da passagem do ano para 1923 ficou doente e dali poucas horas faleceu.

AVÔ MATERNA: Maria Joaquina (Mariquinha)

Neta do Capitão-Mor Teixeira Coelho seu pai do mesmo nome era chamado o Capitãosinho e sua mãe chamava-se Maria Joana. Sua infância e mocidade foram muito felizes.Quando pequena, seus pais foram morar em Lagoa Vermelha no Rio Grande do Sul. Lá passou a menice e freqüentou a escola. Já mocinha voltaram à Lapa. Tinha duas irmãs: Clara e Francisca. Os irmãos foram: Francisco, Pedro, Miguel, Antonio e José.Sua mocidade foi feliz e divertida moraram no interior, mas tinham casa na cidade. Possuiam escravos. Vinham passar dias na cidade, por ocasião das festas religiosas: Semana Santa, Natal, etc. Seu pai era muito compreensivo e gostava que os filhos se divertissem. Quando chegaram à cidade, convidavam as parentes e amigas para reuniões dançantes: Seus irmãos tocavam gaita e as danças eram quadrilhas, lanceiros e valsas. Ela gostava muito de dançar. Trajava-se bem. Ainda lembro-me de uma saia de seda preta chamada "nobreza," era tão larga e comprida que deu para dela tirar um paletó. Ela usou e enterrou-se com ela, aos 96 anos. Era do tempo de solteira e estava perfeita. Em 1883 casou-se com Leandro Teodoro da Silveira. Viveu em dificuldades financeiras. Teve oito filhos, a filha mais velha Adelina, foi estudar em Palmeira em casa de parentes.

As outras ela ensinou a ler em casa. Só os dois rapazes que estudaram fora. Ela além de plantar uma grande horta para suprir a casa e remédios caseiros tinha de tudo no seu quintal. Ainda achava tempo para ensinar as filhas a ler e escrever e contar, ensinou todas a costurar e vestiam-se a custa delas fazendo chapéus trançados de criciume para vender.

Ela era pedagoga sem saber! Comprou livros de Feliberto de Carvalho de 1ª a 3ª e ali estudavam os três reinos da natureza, Cartilha para ensinar religião e aos domingos ou horas vagas mandava as filhas copiarem versos! Sabia encanar braços ou pernas quebrados. Os filhos foram casando e então venderam o sítio no Alto da Lapa. Só que era na baixada. Os netos adoravam passar as férias lá. No pomar não faltavam árvores frutíferas de toda qualidade. Que saudades das amoras brancas dos matos, de manhã ia-se colher em balainhos. O marido faleceu na noite de Ano Novo de 1922 para 1923. Ela ficou morando com o filho mais novo. Quando este casou foi morar com a filha Adelina, onde terminou seus dias.

Era alta e elegante, andava bem direita, repreendia as netas moças que sentavam e largavam o corpo. Sabia fazer amizades tratava todos com delicadeza, era muito querida. Deixou grande descendência e faleceu aos 96 anos. Quando ela tinha 78 anos, faleceu sua nora deixando cinco filhos pequenos ela mudou-se para a casa do filho e cuidou dos netos, até o casamento das netas.

MEU TIO INESQUECÍVEL

Um homem simples, vivia de seu árduo trabalho , não contraia dívidas, só comprava o que pudesse pagar, otimista e corajoso.

Seus avós foram proprietários das Fazendas S. Bento e Santa Clara e outra em Vira-Machado. Seu pai, filho único e muito mimado gostava de desfrutar os prazeres da vida, desbaratou os bens paternos, perdendo as fazendas, só restando delas as imagens dos Santos que deram nome às mesmas até hoje guardardas como relíquias da familia. Ainda existe uma coroa de prata trabalhada. Em abril de 1812 seu pai partia para o Sul com uma grande comitiva. Os cargueiros carregados de tecidos para serem vendidos lá. Na volta traria uma tropa de muares para vender na feira de Sorocaba. No mês que ele partiu o filho nasceu. Esse filho, somente conheceu o pai aos oito anos de idade, quando ele voltou pobre e doente e dali ha quatro anos faleceu, deixando mais um filho. Sua esposa nunca quiz saír da casa onde êle a deixaria, e o recebeu sem recriminações.

A familia sem recursos foram morar em casa de parentes afastados, mas de coração duro que os faziam trabalhar sem descanso. Um mérito tiveram: - puzeram os meninos na escola. Cansados de morar em teto alheio montaram uma casinha e aos quatorze anos começou a árdua luta para manter-se e a sua mãe e irmão. A mãe era costureira tanto de roupas finas, crivos e bordados como também de ponchos e barracas. Assim iam vivendo, pobres mas felizes e unidos. Rebentou a Revolução de 1894, ele foi convocado para servir no "Batalhão dos Patriotas", contra sua vontade, pois seu ideal era ao lado dos Maragatos.

Fizeram uma marcha a pé ao Rio Negro. Em Passa-Três tomou parte em um combate, sendo promovido a Cabo. Não querendo lutou contra as forças revoltosas, seus irmãos de ideal, afastou-se e com outros companheiros, foram buscar abrigo na Fazenda Adão de propriedade de um companheiro de ideal.

No cinqüentenário da Revolução foi convidado a receber a Medalha de Veterano. Embora pobre altivamente recusou, por não ser coerente com seus princípios partidários. Não fumava e não bebia, era alegre e brincalhão, não jogava. Gostava de festas e passeios. Gostava muito de cantores de violas e quando moço não perdia fandango. Não gostava de dançar, mas apreciava bailes. Adquiriu um pequeno sítio, cuidava de lavoura, tinha alguns animais; bois, cavalos e viajava como peão, conduzindo tropas para S. Paulo.

Casou-se em 1900 e sua esposa prestimosa e trabalhadeira, muito o ajudou nos tempos difíceis. Viveram 62 anos de matrimônio. Tiveram três filhos. Alguns anos mais tarde vendeu o sítio, construiu casa na cidade adquiriu uma carroça e com ela trabalhava. Naquela época não havia automóveis. Ele aparelhou a carroça com bancos de malas, cobertos com pelegos e era muito solicitado para conduzir distintas familias em pequenas viagens ou passeios ao Monge ou outros lugares, fazer pic-nic. etc. Observador da natureza conhecia pelo nome todas as árvores do mato e suas diversas utilidades. Sabia os hábitos dos animais selvagens e dos passáros.

Alma sensível, elevava-se com a beleza do día surgindo e do por do Sol. Tecia comentários sobre a Bondade de Deus e o milagre da natureza, citando como exemplo o simples grão de milho, que lançado à terra, dele surgia a haste, as folhas, a flor, a espiga com a quantidade de grãos, a palha, o sabugo. Trabalhador, manteve-se ativo e saudável até os 79 anos, quando os filhos o obrigaram a descansar. Diariamente agradecia a Deus por gosar a velhice com tranquilidade, não percebia que o filho mais jovem (nosso saudoso Juvenal) aliviava-lhe as despesas. Lia muito e estava a par dos acontecimentos do mundo. Dizia das previsões de Julio Verne só falta irem a lua. Não alcançou essa conquista. Era estimado por todos que o conheciam, tinha boa memória contava casos dos tempos antigos, dos escravos, da viagens, da revolução e anedotas.

Uma vez a superiora do Colégio S.José, a irmã Margarida, convidou-o para ir ao Colégio, contou casos:

Era querido dos netos, familiares e amigos. Sentia-se feliz porque com o fruto de seu trabalho, pode deixar um terreno para cada um dos filhos, a casa para a filha única e a aposentadoria para a esposa. Se lá, nas regiões misteriosas lhe foi permitido ver o que se passa na terra, estará feliz, com os netos e bisnetos progredindo, os filhos tranqüilos e unidos, um ocupando cargo eletivo na administração pública, um neto Deputado Federal. Faleceu aos 90 anos esse homem simples e bom do qual eu e minhas filhas recordamos com imensa saudade: -Papai-

Dezembro de 1949.

ADELINA

A primeira filha de Leandro e Maria Joaquina. Suas irmãs foram Joaquina Augusta, Leonor Maria, Maria da Conceição, Francisco e Francisca falecidos e Etelvina

Etelvina e Manuel ainda vivem ela com 90 anos e o Manuel com 78 anos. Adelina nasceu no Serrito e menina foi estudar em Palmeira. Voltando, ajudava a mãe nos serviços domésticos e muito cedo, a fizeram casar-se. Ela, simples e inocente casou-se porque o pai queria, por ser o pretendente um bom rapaz. Não soube o que era amor. Ele, 14 anos mais velho que ela, porém bom e paciente. Era moça muito bonita. Eram de poucos recursos, ela inteligente e muito trabalhadora. Vaidosa, sempre gostou de vestir-se bem, para isso trabalhava em rudes serviços. Uma ocasião o marido comprou um corte de "cassineta" para mandar fazer um terno. Enquanto ele trabalhava fora, ela desmanchou inteirinho um terno velho; por ele cortou a fazenda e fez o terno. E ficou bom. Assim tornou-se costureira. Costurou muito para fora até a morte do esposo. Ela com 77 anos. Tiveram seis filhos; Olivia, Pedro e José faleceram. Isaura, Darcy e Juvenal sobreviveram. Casaram-se e deram-lhe muitos netos. Isaura, casada com Ladislau Aubrift, tendo cinco filhas; Diair, Maria Dinorah, Lili, Rachel e Inez Terezinha. Darcy casado com Maria Elena

e os filhos, Eunice, Benedito. Luiz Carlos e Gilberto.

Juvenal, casado com Emilia e os filhos adotivos Vicente e Zenilda. Ficando viuva aos 22 anos, ficou um ano em sua casa, depois foi morar com filho Juvenal e após a consagração com todo o respeito era levado o Santíssimo para a capela lateral.

As pessoas importantes da cidade seguravam o Pálio que cobriu o Santíssimo. Começava a Hora Santa. O altar era arrumado com muito bom gosto, flores e velas em profusão. O Sacrário dourado brilhando sob as luzes. Ajoelhados defronte a grade que separava o altar da capela ficavam dois cidadãos revezando-se na guarda de honra de hora em hora. O povo entrava na capela e em silêncio, orava com devoção e respeito. A noite havia a cerimônia do Lava-pés. Doze meninos representando os apostolos ficavam sentados e o padre ajoelhava-se na frente de cada um, lavava-lhes os pés e os beijava e entregava um pão a cada um e uma moedinha. A guarda e as visitas ao Santíssimo ocasionalmente passava temporadas em casa dos outros filhos. Em outubro de 1982 levou uma queda e quebrou a perna. Esteve internada no Hospital em Curitiba, foi operada, mas não conseguiu mais andar.

Completou 98 anos em setembro. Goza boa saúde, não conforma-se em viver na cama; lúcida e autoritária fica um pouco impertinente. E agora sofreu o doloroso golpe de perder o querido filho Juvenal, falecido repentinamente aos 27 de outubro do corrente ano.

Tem 17 bisnetos e 11 tetranetos. Sempre prestativa ajudou a muita gente especialmente sua filha e netos nos tempos difíceis. Costurava de graça para os parentes e fez muitos enxovais e vestidos de noivas sem cobrar nada. Faleceu a 18 de março de 1985. Darcy faleceu a 5 de maio de 1985. Luiz Carlos filho de Darcy, hoje atual Ministro da Saúde.

SEMANA SANTA (ANTIGAMENTE)

O Carnaval podia estar no auge da animação, impreterivelmente à meia noite, apagavam-se as luzes a música cessava e ninguém mais dançava ou brincava.

Era quarta-feira de cinzas, início da Quaresma, quarta-feira era um dia de respeito, jejuavam, ninguém comia carne nesse dia e em todas as quartas e sexta-feiras da Quaresma. A Semana Santa começava no Domingo de Ramos, o povo levava palmas e flores para serem benzidas simbolizando a entrada triunfal da Jesus em Jerusalém. Havia a procissão de Ramos. Quarta-feira da mesma semana era de trevas, não tocavam os sinos, apenas a matraca. Cobriam as imagens dos santos com panos roxos e a igreja ficava quase as escuras. O povo confessava-se e comungava, até quinta-feira somente, as 10 horas havia missa solene e após a consagração com todo o respeito era levado o Santíssimo para a capela lateral.

As pessoas importantes da cidade seguravam o Pálio que cobria o Santíssimo. Começava a Hora Santa. O altar era arrumado com muito bom gosto, flores e velas em profusão o Sacrário dourado brilhando sob as luzes. Ajoelhados defronte a grade que separa o altar a capela ficavam dois cidadãos revezando-se na guarda de honra, de hora em hora. O povo entrava na capela e em silêncio, orava com devoção e respeito.

A noite havia a cerimonia do Lava-pés. Doze meninos representando os apóstolos ficavam sentados e o padre ajoelhava-se na frente de cada um, lavava-lhes os pés e os beijava e entregava um pão cada um e uma moedinha. O guarda e as visitas ao Antíssimo não tinham interrupção até as 3 horas de Sexta-feira Santa. Nesse dia não havia missa, nem comunhão.

Uma pesada cortina preta era colocada na porta da igreja e outra velando o altar. As três horas, após o sermão era descerrada a cortina e aparecia a Imagem de Jesus, pregado na Cruz. O povo desfilava para beijá-lá. Desciam Jesus da Cruz e o colocavam no esquife no meio da igreja para ser velado até a hora da procissão do enterro, as 19:00 horas.

A frente ia a Irmandade de S. Benedito a seguir o Apostolado da Oração e as Filhas de Maria. A banda de música executando marchas fúnebres. Junto ao esquife iam as moças: representando Maria Madalena com os cabelos compridos soltos sobre o manto azul. As três Marias vestidas de preto e cobertas com véus. A Veronica vestida de negro e com o resto coberto subia a um púlpito colocado na esquina e ao subir ia desdobrando um pano com a esfinge de Jesus e com uma música comovedora cantava em latim: "Vós ommes qui tranzitis per viam, atendite e videte si est dolor, sicut dolor meus." A tradução: Oh! Vós que passais pelos caminhos da vida, olhai e vede se há dor que se compare a minha dor. As pessoas sensíveis, choravam.

No sábado que era de Aleluia as cerimonias começavam as 8:00 horas da manhã na porta da Matriz com a benção do Círio Pascal e as Cerimônias iam até ao altar as 10:00 horas, quando iniciava-se a missa. Descerrava-se a cortina e aparecia o altar florido e iluminado tiravam os panos roxos das imagens entoavam cantos festivos e os sinos repicavam alegremente.

As 5:00 horas da madrugada de domingo realizava-se a procissão do encontro. Em direções diferentes iam a imagem de Jesus Ressucitado e a de Nossa Senhora. Na rua das Tropas havia o encontro simbólico e emocionante.

A Banda tocava músicas alegres, tinha sermão e os lindos cantos: Regina Célis Letário, Aleluia, Aleluia.

Como era lindo e comovente em plena madrugada, a lua e as estrelas brilhando no céu. Hoje a Semana Santa é comemorada com devoção e respeito com algumas modificações.

Não festeja-se Aleluia no sábado e não há a procissão do encontro. Naquelas madrugadas nossa alma parecia voar as regiões celestes, festejando a Ressurreição e sentia-se a poesia quando ao chegar à Matriz os sinos em festas anunciavam os albores da aurora de um novo dia.

19-04-81

A PROMESSA

Sentada, olhando a televisão uma senhora vendo o programa "Fantástico" contando de várias promessas feitas com amor e esperança em momentos de desespero, algumas de muito sacrifício, outras absurdas, lembrou-se de uma que fizera na infancia.

Menina pobre ia a escola, modestamente trajada e de tamancos. Muito aplicada aos estudos, tirava sempre o primeiro lugar, mas por esse motivo pagava alto preço. A inveja das colegas.

Tímida, procurava a amizada de todas, mas estas, principalmente as ricas, por despeito, tudo faziam para humilha-la. Se suas meias tivessem algum furo, elas riam e chamavam a atenção das outras. dizendo: Olhem o dia santo da I. A professora era muito severa, mas para ela, era boa e amiga.

Dava-lhe livros de presente e como tinha máquina de fazer meias no inverno a presenteava com um par vermelhas!

As outras usavam as cores da moda: eram brancas ou pretas. E elas encontravam um pretexto para caçoa-la e puzeram-lhe o apelido de perninha de pomba.

Ela ia a missa aos domingos. Pouco rezava, ficava observando o luxo das moças e senhoras que usavam umas bolsas chichs. Louca de desejo de possuir uma e não podendo comprar, com muita fé, na ingenuidade de seus nove anos, fez a promessa.

Pediu a Deus que fizesse alguem perder uma bolsa para ela achar. Com receio que Deus se ofendesse pensou e pediu:- Uma bolsa com um terço dentro. Ela queria a bolsa, o terço era reigarice. A promessa consistia em subir três vezes a uma árvore do quintal, descer e rezar uma Ave-Maria. Nunca achou a tal bolsa. Hoje tem diversas e raramente as usa.

Novembro de 1979.

ASSOMBRAÇÃO

Não havia luz elétrica na cidade.Depois das 9 horas da noite eram raras as pessoas que saiam de casa.

Das 11 horas em diante ninguém aventurava-se porque eram horas mortas. Nas noites enluaradas o diabo descia com estrépito a rua da Boa Vista montado num enorme cavalo negro que espumava,soltando chipas de fogo pelas ventas e pelas patas e o "Tal" preto como carvão, medonho, com uma braza na boca, causava imenso terror.

Algumas pessoas já o tinham visto e correram trêmulas de medo. Os que estavam dentro de casa, benziam-se com água benta, ao ouvir o tropel alucinante.

Foram meses de sustos, sempre na lua cheia. Uma noite o Seu Chico precisando ir ao quintal, ouviu um barulhinho de porta se abrindo e alguém sair sorrateiramente pelo portão do beco, embrulhada num xale. Nessa noite o diabo desceu a rua numa disparada louca, galopando furiosamente.

Seu Chico seguiu o vulto que saira de sua casa e dirigiu-se à lagoa onde havia árvores ao redor.

A lagoa existiu onde hoje é o Campo de Futebol do União, defronte ao Cemitério. Que pena a terem soterrado!

Era redonda e linda, vista do Alto da Lapa, parecia imensa bandeja de prata. O diabo apeou, amarrou o cavalo a uma árvore e correu abraçou o vulto de mulher.

Naquela época as moças viviam sob severa vigilância e a bonita criolinha ia encontrar o seu amado que depois de árduos trabalhos na Fazenda do patrão quando todos dormiam, ensilhava o cavalo preto do patrão e vinha à cidade encontrar: sua amada, vendo aquela cena, Seu Chico, bom e compreensivo mandou chamar o fazendeiro e contrataram o casamento deles.

O diabo sumiu, não mais galopando nas noites de luar. As ferraduras do cavalo ao bater nas pedras,saltavam faiscas, os freios brilhavam, a braza na boca, era o cigarro aceso.

O medo fazia a assombração.

FESTA DE SÃO BENEDITO

Um espetáculo de deslumbrante beleza. Surgindo defronte ao Congresso, qual pássaro branco com as imensas azas abertas, o guião de S. Benedito.

Em alas a Irmandade fundada no tempo dos escravos, todos de opa branca constituida por pessoas de todas as classes sociais brancos e pretos, velhos e crianças homens e senhoras, orgulham-se de vestir a opa e acompanhar a procissão. O ex-Prefeito da cidade é irmão de S. Benedito e não deixa de acompanhar a procissão. Atrás a imensa massa humana semelhante a um jardim móvel com a variedade de cores nas vestes das pessoas e ondulando, movendo-se vagarosamente como flores agitadas pelo vento da tarde. O andor do querido santinho, a imagem pretinha no meio de flores naturais rosas e margaridas.

Pessoas vestidas de branco, gente descalça, com velas acesas, virgens e anjinhos. rezando contritos cumprindo promessas pelas graças alcançadas.

Outros, talvez em aflição, ansiosas por obter uma graça. pedir: união nas familias, paz no mundo, saúde, empregos etc.

Em qualquer situação dificil quem não pede um favor ao Santo? Confiando no seu grande prestígio junto a Deus.

Desde manhã é grande o movimento na cidade, centenas ou milhares de carros e caminhões lotados. Na praça do Santuário barracas com doces, salgados e bebidas e muitas outras com diversos artigos.

Muita gente trabalhando para servir o povo. A tarde já foi tudo vendido. O ponto alto da festa são as Congadas, dança e representaçao que vem do tempo dos escravos.

Os côngos vestem-se com indumentária especial, muito colorida e brilhante. Tem rei, Rainha e Príncipe. A familia real recebe a visita do Embaixador de outro país e trocam gentilezas, dançando e cantando. Mas desentendem-se e prendem o Embaixador. Declaram gerra. Finalmente fazem as pazes em honra de S. Benedito.

É a mais popular e a maior festa religiosa da Lapa. Pena que está prestes a estinguír-se.

RECORDAÇÕES

Nos verdes campos e na linda paisagem próximos a Colonia Virmond realizavam-se corridas de cavalos.

O povo da cidade na falta de outras distrações, ia em peso, assisti-las. Isborliza também foi com seus pais. E para sua surpresa, lá estava ele, o seu amor a olhar com aquele lindo olhar de seus olhos azuis.

Seria primavera ou outono, a estação do ano não importa, para ela foi o mais lindo dia que Deus criou. Olhos nos olhos, matando as saudades, ela mocinha tímida e recatada sempre sob a severa vigilancia de sua mãe, não podia namorar. Mas aquele fora seu primeiro namorado e amara-o com toda a força de sua juventude, guardando no coração aquele segredo.

Sabia-se querida e sentia-se feliz. Não podia conversar com rapazes. Perto de sua casa havia um poste lá ele deixava suas mensagens de amor, como: "Amo-te tanto, juro amar-te até a morte. E você?" Ou então: "O que tu és? És a flor perfumada que envenena os corações e como abelha faz o mel, assim tens a doçura nos lábios." E outras esquecidas. Ela nunca retribuiu, só as lia. Como fora insensata e imbecíl.

Ele era telegrafista e desenhara na parede da sala de espera da Estação Ferroviária, um coração com o nome dele e dela entrelaçados. Um dia ele arranjou um bom emprego e partiu para muito longe. Ela guardou

DA IMAGEM E DO SOM

sinceridade, triste e saudosa, até que dois anos depois encontraram-se naquele dia de esplendor. Mas não puderam conversar às vezes trocavam ligeiramente algumas palavras. Poucos dias depois ele voltou ao emprego.

Passado um ano voltou com uma nódoa em sua reputação e desempregado. Seus pais o acusaram fortemente e ela obediente nada fez para encontrá-lo.

Finalmente reconheceram sua inocência foi readmitido no emprego e quando vinha à Lapa já não era aquele de antes agora sofisticado e elegante.

Isborliza ficou namoradeira e voluvel. Teve muitos namorados e muitas desilusões. Ja amadurecida e mais independente amou e foi amada e resolveu casar-se. Muito antes recebera a notícia que ele havia casado com outra. Quando ela ficou noiva, ele embora casado teve a ousadia de mandar-lhe a seguinte poesia: Amei-te no passado e no entando não me amaste, ao contrario desprezaste meu amor. É que me vias desgraçado e abandonado à própria dor. Das faces corria-me o pranto, sem um encanto consolador. O orgulho dos teus alto te elevou O unir tua alma a minha alma escrava, te assustou. Segui o meu destino, mísero judeu errante para onde a vida levou. Hoje vejo-te curvada aquilo que detestavas - tanto e no entanto a minha alma saudosa do passado bem diz o tempo feliz daquele amor que foi minha agonia. Até hoje ela não entende o significado dessa poesia.

Ele já faleceu e ela casou teve muitos filhos, esposa fiel e dedicada e foi muito feliz?!!

Tudo passa sobre a terra e hoje uma velhinha caduca teima em recordar o passado.

Era fatal que esse amor morresse
Cortando a haste faz murchar a flor
O sol ardente faz secar a fonte
A longa ausencia, fez morrer o amor.

CADERNOS DO MIS

1- O TROPEIRO
2- O CADERNO DE DONA SELMIRA
3- CACHORRO NÃO! CHICHORRO!
4- I FORUM NACIONAL DE MUSEUS DA IMAGEM E DO SOM
5- ANTIGO PRÉDIO DO GOVERNO
6- CI(S)NE- LÉLIO SOTTO MAIOR JUNIOR
7- BENTO FALA SOBRE O PARANÁ
8- RODOLFO GUERKE, FOTÓGRAFO
9- PEQUENO VOCABULÁRIO INDÍGENA
10- TADEU MOROZOWICZ

Tem gente que prosando mesmo a ida à padaria da esquina, ou a conversa que teve com a vizinha do lado acrescenta um molho tão delicado que dá um sabor literário de fino trato a aquilo que conta. É esse o caso de Isaura Abrift, dona de armazém com 86 anos, que ao por no papel as lembranças das pessoas e coisas de sua cidade natal, a Lapa, pelo seu inato - vamos chamar assim - dom de narrar nos transporta a um mundo mágico onde a realidade toma forma de ficção, a verdade se fantasia de lenda e a vida vira uma aventura venturosa. Portanto leia e saboreie este primeiro caderno de dona Isaura que o MIS edita e se gostar, e você vai gostar, pode repetir a dose, vamos editar mais e mais.

Valêncio Xavier

GOVERNO DO PARANÁ
Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
René Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL
Danillo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS
Ivens de Jesus Fontora

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Valêncio Xavier

MIS MUSEU DA IMAGEM E DO SOM